

A sombra de Cristiano Machado

Ricardo Noblat

Porque hoje é sábado, e a maioria dos governadores do PMDB se reúne em São Paulo para a inauguração do dispendioso Memorial da América Latina, a candidatura a presidente da República do deputado Ulysses Guimarães deverá vencer mais uma prova de resistência. O governador Orestes Quêrcia, o mais poderoso eleitor do partido, dirá mais uma vez que apóia e que está disposto a assumir a coordenação da candidatura do deputado.

Dizer, apenas, que apóia Ulysses não causará mais o menor efeito. Ou melhor: causaria um dano irreparável ao nome dele. O governador de São Paulo ocupou-se nos últimos meses em repetir que Ulysses é seu candidato a presidente. Terá que ir além das palavras. Terá que assumir, de fato, a operação de consolidação da candidatura do deputado. Ela não resistiria a mais 15 dias pendurada no ar, como está.

É o próprio Ulysses quem pensa assim — e por isso voou de véspera ao encontro de Quêrcia e despachou deputados que lhe fazem a corte para conversar com homens de confiança do governador paulista. O deputado Cid Carvalho (PMDB-MA), fiel aliado de Ulysses, trocou, anteontem, um telefonema com Roberto Rolemberg, secretário de governo de Quêrcia. Rolemberg tentou fazer de Quêrcia o candidato do PMDB a presidente.

Mesmo quando Quêrcia recusava a idéia, ele insistia. Ao telefone, Cid percebeu que mudara o tom e a natureza das afirmações do secretário. Rolemberg pareceu-lhe conformado com a determinação de Quêrcia de avalizar o nome de Ulysses. Na última segunda-feira, Cid levou o governador Miguel Arraes, de Pernambuco, ao aeroporto de Brasília. Retornou ao encontro de Ulysses com uma boa notícia. Boa, não — excelente.

Arraes disse a Cid o que já dissera a outras pessoas na semana anterior: preferia até mesmo perder com Ulysses a sucessão presidencial com Quêrcia. No domingo, ao tomar conhecimento do resultado da eleição do novo



Diretório Nacional do PMDB. Arraes surpreendeu-se com os quase 40% de votos obtidos pela chapa dos moderados e comentou com o governador Moreira Franco no bar no Carlton Hotel, a dois quilômetros do Congresso:

“Waldyr Pires perdeu as condições para disputar a indicação do partido.” O que disse a respeito do governador baiano se aplica, também, a ele mesmo. Arraes saltou na frente de Waldyr no seu apoio a Ulysses. Waldyr ainda resistiu como candidato. A pretensão dele se tornou possível por causa da frouxidão do apoio oferecido por Quêrcia ao nome de Ulysses. Os setores de esquerda do PMDB acharam que Quêrcia queria ser candidato.

No espaço aberto em torno de Ulysses, e para prevenir o lançamento do governador paulista, a esquerda introduziu a cunha da candidatura de Waldyr. Ela permanecerá ali, irremovível, até que se estabilize a candidatura de Ulysses e até que se decida quem será o companheiro de chapa dele. O governador da Bahia não quer ser candidato a vice. Mas os que o apóiam não querem que Ulysses convoque um moderado para o lugar.

No momento, Ulysses tem como objetivo costurar a unidade do grupo que atraiu mais de 60% dos votos da última convenção do PMDB. Se conseguir fazer isso, terá assegurada a indicação do partido como candidato. Em seguida, se ocupará de evitar que os moderados o abandonem para apoiar o candidato de outra legenda. A saída de cena das candidaturas de Silvio Santos e de Antônio Ermírio deixou os moderados à mercê de Jânio Quadros.

Parte deles poderá ir com Jânio — como iria antes de toda maneira. Em razão de particularidades locais, regionais, outra parte acabará ficando com o candidato do PMDB. Se tudo der certo para Ulysses e se ele emergir da próxima convenção do partido como candidato a presidente da República, sua caminhada em direção à rampa do Palácio do Planalto estará, apenas, começando. Não será fácil. Poderá estancar pelo meio.

Ulysses não terá muito tempo para convencer seus inúmeros aliados de que pode ganhar — e ao povo, de que não é candidato à reeleição. Se não se mostrar viável, e se não mostrar isso logo, perderá apoios à esquerda (para Mário Covas e Leonel Brizola) e à direita (para Jânio Quadros). O que ocorreu com Cristiano Machado, em 1950, será pouco se comparado com o que poderá ocorrer com Ulysses.